



'O elenco de *Se Eu Fosse Você 3* se prepara para lotar as salas de exibição neste semestre



Reage (e lota salas),

Brasil!

Nosso crítico **Rodrigo Fonseca** revela que uma ofensiva das mais potentes, agendada **deste fim de semana até outubro**, pode fazer a média de **público do cinema nacional** subir neste semestre. **Páginas 2 e 3**

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Amparado pelo carisma de Alexandra Richter e Nelson Freitas, “Os Emergentes”, que estreia nesta quinta-feira (9), pode lotar as salas de projeção do Brasil, numa virada de semestre das mais promissoras para o cinema nacional, num ano de vacas magérrimas na venda de ingresso. Em meio à concorrência com fenômenos como “Super Mario Galaxy” e “Michael”, o título de DNA brasileiro de maior público foi “Velhos Bandidos”, com cerca de 417.247 pagantes. A presença do país na média total de tiquetes vendidos em circuito, até junho, não passou de 5%.

De julho para diante, contudo, reforços de peso estão a caminho, começando por agosto, com “O Shaolin do Sertão 2” (dia 20/8), no qual Edmilson Filho volta a sentar pontapés no Mal, e o novo exercício autoral de Jorge Furtado: “Muito Prazer”, com Luisa Arraes e Daniel de Oliveira. Os ventos mais quentes, entretanto, ficaram para setembro com “Se Eu Fosse Você 3”, que chega em 3/9, celebrando os 20 anos da franquia.

A Disney, sua distribuidora, foi malandra e colocou os dois primeiros, vistos respectivamente por 6,1 milhões de pessoas (o II de 2009) e por 3,6 milhões de espectadoras/es (o I, de 2006), em seu streaming. No catálogo do Disney+ encontram-se as peripécias de Helena (Glorias Pires) e Cláudio (Tony Ramos) ao trocarem de consciência, sob a direção fina de Daniel Filho. A parte III conta com as duas estrelas originais, mas escala Cleo Pires e Rafael Infante como suas personagens centrais.

Sob a direção de Anita Barbosa, a trama acompanha Bia, interpretada por Cleo, e Aquiles, papel de Infante. Duas décadas depois da última troca de corpos, Cláudio e Helena vivem uma nova fase da vida ao lado da filha Bia, agora adulta e casada. Tudo parece em equilíbrio

As apostas de um semestre promissor

‘Se Eu Fosse Você 3’ e ‘Minha Melhor Amiga’ puxam o bonde de lançamentos nacionais que podem fazer bonito nas bilheterias

até que uma situação inesperada abala a dinâmica da família e coloca as relações à prova. Quando o raio parece cair mais uma vez no mesmo lugar, a família toda é levada a encarar um novo desafio: aprender a se colocar no lugar do outro... talvez de um jeito bem literal. O roteiro é de Leandro Soares e a produção é da Total International, com coprodução e distribuição da Buena Vista International, estúdio da The Walt Disney Company.

Até o momento, ficou para o mesmo dia o lançamento de “Minha Melhor Amiga”, juntando as grifes de Ingrid Guimarães e Mônica Martelli. Essa sinergia pode ser um achado para nossas redes exibidoras. Rodado no Rio, Lisboa e Sevilha, o longa de Susana Garcia é inspirado nas experiên-



Desiree do Valle/Divulgação

Minha Melhor Amiga estreia em setembro com todo o empoderamento de Ingrid Guimarães e Mônica Martelli

cias da dupla com as filhas adolescentes, Julia e Clara, que inclusive dão nome às protagonistas. Amigas de longa data, Ingrid e Mônica conquistaram a internet ao compartilhar situações hilárias e perrengues que passaram durante as férias com as garotas na Europa e a química foi tão boa que elas não pararam mais de viajar juntas.

No filme, as tais melhores amigas Julia (Mônica) e Clara (Ingrid) estão numa fase difícil, no auge dos 50 anos. Julia é uma jornalista divorciada que não acredita mais no amor e não se sente valorizada profissionalmente. Já Clara vive um casamento em crise e uma rotina frustrante em casa cuidando do marido, da sogra e do enteado. Pena ainda em seu trabalho como corretora imobiliária. Suas filhas, Manu (Giulia Benite) e Isadora (Gabi Amaral), de 16 anos, vão fazer um intercâmbio em Portugal e, pela primeira vez, morar longe das mães. Elas então decidem dar um basta na vida sem graça e embarcam juntas para Portugal. Em solo europeu, nem tudo sai como planejado... para o nosso bem, dando a chance ao público de sorrir com essas estrelas.



Divulgação

Atuações devastadoras de Marjorie Estiano e Alexandre Nero fizeram de Precisamos Falar um dos filmes brasileiros de maior vigo da leva nacional da Mostra de SP em 2024, o que atraiu o olhar de Biarritz

No dia 24 de setembro, tem o explosivo “Precisamos Falar”, de Rebeca Diniz e Pedro Waddington. O roteiro de Sergio Goldenberg - baseado no romance “O Jantar”, de Herman Koch, e supervisionado por George Moura - é uma aula de dramaturgia, apoiado numa direção nervosa que lembra muito o italiano Marco Bellocchio de “Bom Dia, Noite” (2003). É o melhor filme de Bellocchio que Bellocchio não fez. Na trama, adolescentes de classe média alta agrudem uma

mulher em situação de rua que dormia em um caixa eletrônico e ela acaba morrendo. As câmeras não permitem identificar os culpados, mas seus pais (dois irmãos e suas esposas) os reconhecem e precisam enfrentar o dilema de denunciá-los ou não à polícia. A magistral atuação de Alexandre Nero e a devastadora composição de Marjorie Estione no papel de uma Lady Macbeth de Zona Sul fazem desse ensaio sobre o maquiavelismo uma aula de sociologia - e de bom cinema.



Lorhan Toledo/Divulgação

Os casais vividos por Adriana Richter, Nelson Freitas, Jeniffer Setti e Paulinho Serra trocam de lugar nas reviravoltas da comédia ‘Os Emergentes’



Eny Miranda/Divulgação

Glória Pires e Tony Ramos voltam à comédia da troca de corpos em 'Se Eu Fosse Você 3', desta vez atingindo a filha do casal e seu marido



Paris Films

Tirullipa tenta o falso padre Maurício Manfrini, o Paulinho Gogó, em 'Picaretas Não Vão Para o Céu'



Divulgação

Campeão do UFC, Lyoto Machida é o vilão de 'Shaolin do Sertão 2'



Divulgação

'Herança de Narcisa' chega às telas vitaminado pela presença de Paolla Oliveira



Divulgação

'A Noite de Alaíde' leva a música e a coragem de Alaíde Costa ao circuito

Para outubro, o Midas do Brasil, Roberto Santucci (diretor de "Até Que A Sorte Nos Separe") lança "Picaretas Não Vão Pro Céu", com Maurício Manfrini (o Paulinho Gogó) e Tirullipa nas raias da malandragem, passando-se por religiosos. Com uma ajudinha do Altíssimo, quem sabe a receita de nossos filmes são se amplia.

Agora em agosto, no próximo dia 6, estima-se que as salas de projeção de cidades do interior (sobretudo do estado de São

Paulo e das regiões Centro-Oeste e Sul) podem transformar "8 Segundos: O Desafio", de Márcio Trigo, numa mina de ouro. Seu roteiro retrata a jornada de João Donato (interpretado por Rafael Cardoso), um renomado campeão internacional de rodeios que, após um acidente grave que o afastou das arenas, retorna ao Brasil em busca de redenção. De volta às origens, entre duas imponentes fazendas que respiram cultura sertaneja, João luta para reencontrar seu

lugar no mundo, enfrentando as pressões da família, antigas rivalidades e amores do passado.

Entre os filmes nacionais que já estavam em cartaz, um pequeno fenômeno de viés queer se desenha conforme "Quinze Dias" não desgarrá dos multiplexes e do coração de seus fãs. A comédia romântica com jeitão de "Sessão da Tarde" de Daniel Lief, baseado em best-seller de Vitor Martins, tem sido visto e revisto por um público fiel nas últimas duas semanas. Em seu

enredo, Felipe (Miguel Lallo) é um garoto gordo e tímido que sofre bullying na escola. Ele aguarda pelas férias de julho desde o início das aulas. Afastado dos colegas que o maltratam, Felipe finalmente vai poder se dedicar somente ao que gosta: livros e séries. Mas as coisas fogem do controle quando sua mãe informa que concordou em hospedar o vizinho Caio (Diego Lira) por longos quinze dias, enquanto seus pais viajam. Felipe entra em desespero porque Caio foi sua primeira paixãozinha na infância (e talvez ainda seja). Inseguro, Felipe não sabe como interagir com o vizinho. Os dias que prometiam paz e tranquilidade acabam trazendo um turbilhão de sentimentos, fazendo o rapaz mergulhar em todas suas questões e inseguranças. Apesar das diferenças, ou por causa delas, os dois acabam se reaproximando e vivendo uma jornada de autodescoberta mútua.

A partir desta quinta, o carisma de Paolla Oliveira pode ser convertido em prol de nossas telas com a estreia de "Herança de Narcisa", de Clarissa Appelt e Daniel Dias. Ana, personagem de Paolla, retorna

ao seu lar de infância, no Rio de Janeiro, após a morte de sua mãe, a ex-vedete Narcisa. Lá, ela encontra uma casa imersa em mistério, angústia familiar e segredos que se recusam a ficar enterrados. À medida que começa a revirar o imóvel junto com seu irmão Diego (Pedro Henrique Müller), Ana navega por um mar de antigos traumas, mistérios e medos. Para sobreviver, ela precisará confrontar as mágoas e as memórias de uma relação tóxica mal resolvida. Quem sabe não nasce um êxito de público daí?

Acerca de nossa produção documental, neste ano de Copa, "Zico - O Samurai de Quintino" fez cerca de 34 mil flamenguistas pagarem ingressos para conferir as glórias de um craque. Neste fim de semana, quem vem militar pela saúde financeira dos .docs é "Toquinho - Encontros e um Violão", de Erica Bernardini, sobre o músico e compositor Antonio Pecci. Na semana que vem chega "A Noite de Alaíde", da baiana radicada em Paris Lilliane Mutti. É um estudo sobre a voz e o vicejar canoro de Alaíde Costa.

Wang Jingchun e Yong Mei foram premiados na Berlinale, em 2019, por 'So Long My Son', de Wang Xiaoshuai, que chega dia 9 à MUBI

Premiado em Berlim há quatro anos e inédito em circuito nacional desde então, 'So Long, My Son', de Wang Xiaoshuai, ganha a grade da MUBI, recriando o passado de sua pátria



Inventário

de perdas

Gerhard Kassner/Berlinale

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ao ver seu filme "So Long, My Son" ("Di jiu tianchang") ser duplamente laureado com o prêmio de Melhor Interpretação do Festival de Berlim, em 2019, uma época na qual o evento ainda mantinha divisão de gêneros (Melhor Atriz e Melhor Ator) no Urso de Prata, o diretor Wang Xiaoshuai cravou uma frase reativa ao sistema de censura do cinema em seu país: "Filmar é questão de coragem. E coragem é questão de escolha". A frase saiu no site português C7nema, de Jorge Pereira Rosa, e reverberou pelo mundo, primeiro o lusófono, depois toda a Europa, a demarcar a rebeldia de um cineasta diante dos ditames do silêncio imposto por governantes de sua pátria, a China.

Uma pátria que virou potência audiovisual a partir de cults como "Sorgo Vermelho" (1988) e "Adeus, Minha Concubina" (Palma de Ouro de 1993), ambos avessos a cabrestos. A decisão de levar à Berlinale seu longa-metragem abertamente crítico ao regime político chinês fez com que Xiaoshuai, hoje com 60 anos, enfrentasse problemas para ter sua lírica narrativa sobre a perda exibida na Ásia. Laureado ainda com outros 43 prêmios, seu filme nunca foi lançado em circuito no Brasil, mas entra... enfim... no

redor dos brasileiros, via streaming, por meio da MUBI.

"Não é interessante para o governo da China que se fale do passado. Quando um filme chinês que assume pra si uma vertente mais crítica ganha prêmios na Berlinale ou em Cannes, sua carreira comercial no mercado interno de nosso país é ainda mais difícil de se concretizar pelo fato de quebramos com um certo código de representação que as autoridades esperam de nós", explicou Xiaoshuai ao Correio da Manhã, num papo em Berlim, em meio à luta para fazer seus dois filmes mais recentes – "The Hotel" e "Above The Dust", ambos de 2022 – alcançarem visibilidade internacional. "Quando um filme de língua não inglesa, de territórios como a Ásia, tem um explícito potencial de bilheteria, distribuidoras do mundo todo se interessam em tê-lo em seu catálogo. Mas o cinema que eu faço está mais preocupado em questionar".

Nas raias do melodrama, mas hábil o suficiente para politizar cada plano de modo a fugir do folhetim, "So Long, My Son" ("Di jiu tianchang") explode o peito alheio à força dos gestos de sua estrela, Yong Mei, e de seu astro, Wang Jingchun (em atuação magistral). Eles interpretam um casal que leva 30 anos às voltas com o luto pela perda de um filho. "Existe um caminho de plena sutileza neles, que me ajuda a fazer desse filme um painel das ma-

zelas sociais chinesas que se ergue na tela a partir do drama individual dos personagens", explica o diretor, antes conhecido por "Sonhos com Shanghai" (2005) e "Bicicletas de Pequim" (2001). "O eixo do roteiro é a reestruturação de uma vida a dois fraturada pela perda de uma criança, narrada em analogia a transformações de uma cidade ao longo das décadas, sempre atenta às classes operárias que habitam suas paisagens. Existe um luto individual e o florescer de uma nova China que se ergue a partir do turbilhão político do fim dos anos 1980, com as manifestações na Praça da Paz".

Afetuosos do começo ao fim de suas três horas de duração, "So Long, My Son" arrebatou aplausos também em San Sebastián, em 2019, levando a telonas da Europa um olhar sobre as transformações arquitetônicas e políticas na geografia chinesa, física e humana. "Não aceito autocensuras, nem travas de gênero, o que me leva a filtrar caminhos folhetinescos. O melodrama lida com a dor a partir de causas. Não exploro as causas da dor. Eu estudo suas consequências", diz Xiaoshuai. "No filme, ao longo dos anos, vemos que prédios importantes para a história dos personagens vieram abaixo, desconfigurando a geografia sentimental deles. No aspecto relacional, a trama investe em reuniões familiares, em diversos momentos de sua narrativa, para revelar o que se perdeu".



“ Não é interessante para o governo da China que se fale do passado. Quando um filme chinês que assume pra si uma vertente mais crítica ganha prêmios na Berlinale ou em Cannes, sua carreira comercial no mercado interno de nosso país é ainda mais difícil de se concretizar pelo fato de quebramos com um certo código de representação que as autoridades esperam de nós”

WANG XIAOSHUAI

Coletivo Gozo-Pranto adapta conto 'Ana Davenga', de Conceição Evaristo, em temporada no circuito Sesc este mês

O conto "Ana Davenga", publicado originalmente no livro "Olhos d'Água" de Conceição Evaristo, ganha vida cênica em "Eu-Ana", espetáculo do Coletivo Gozo-Pranto que circula por cinco unidades do Sesc no Rio de Janeiro durante o mês de julho. A montagem, que já passou por Teresópolis, segue para Madureira (10/7), Nova Iguaçu (11/7), Campos (17/7) e Ramos (30/7), transformando a narrativa da escritora mineira em uma experiência que entrelaça samba, corpo e as chamadas "escrevivências" — conceito central na obra de Evaristo que mistura escrita, vivência e memória.

Em cena, quatro atrizes negras recontam a história de Ana, mulher de periferia cuja vida muda quando se apaixona por Davenga, chefe de uma quadrilha da favela onde mora. Mas a proposta da montagem vai além da adaptação literal: as intérpretes reescrevem a personagem a partir de seus próprios sonhos, desejos e memórias, praticando na cena aquilo que Evaristo denomina em sua escrita como escrevivência.



A montagem de 'Eu-Ana' acrescenta musicalidade à narrativa da autora mineira

Hugo Paixão/Divulgação

Escrevivências de Samba e memória

A diretora Cátia Costa explica a abordagem. "A ideia principal é através do samba, da musicalidade, do corpo, da dança, do canto, do movimento, do ritmo e da respiração introduzir uma discussão poética acerca da resiliência que arrasta nossos corpos negros para uma estatística já prevista e programada para a morte e para a marginalidade. Resignificar as nossas tragédias cotidianas através da alegria e da dor do samba, sem romantizar", afirma, destacando a força do samba como ferramenta de resistência e reelaboração de experiências de violência e exclusão.

O Coletivo Gozo-Pranto é formado por atrizes egressas da Escola de Teatro Martins Pena e estudantes de Teatro da UNIRIO. A montagem de "Eu-Ana" foi possível graças ao prêmio de Melhor Cena do FESTU 2023 (Festival de Teatro Universitário), conquistado pelo grupo com o esquete "Sambas em notas de Gozo-Pranto".

Esta não é a primeira vez que a obra de Conceição Evaristo chega aos palcos. Em 2024, o espetáculo "Ponciá — Conceição Evaristo", dirigido por Tatiana Tiburcio e Renato Farias, adaptou o romance "Ponciá Vicêncio".

SERVIÇO

EU-ANA

10/7, às 15h: Sesc Madureira (Rua Ewbank da Câmara, 90)
11/7, às 19h: Sesc Nova Iguaçu (Rua Dom Adriano Hipólito, 10)
17/7, às 19h: Sesc Ramos (Av. Alberto Torres, 397)
Ingressos: R\$ 15, R\$ 7,50 (meia) e grátis (PCG e menores de 16 anos)

Imaginário e construção em cena

Uma jovem que viaja com seus quitutes para enfrentar um tirano dono de uma fábrica de canhões. Essa é a protagonista de "Piquenique", espetáculo infantil que estreia neste mês no Teatro Petrobras Futuros - Arte e Tecnologia, no Flamengo, a partir deste sábado (11).

A montagem, da Cia Teatro Independente, reúne teatro, música, teatro de sombras e manipulação de objetos para contar uma história baseada em contos populares como "Barba Azul" e "Nariz de Prata". Uma mesa de piquenique montada em um jardim serve de cenário, e o público constrói o imaginário junto com os atores através de frutas, cores, comidas e projeções de sombras.

O diretor Flavio Souza destaca que o espetáculo investe em temas relevantes ao público infantil: polinização, importância da água limpa e

O premiado espetáculo infantil 'Piquenique' estreia neste sábado no Teatro Petrobras Futuros - Arte e Tecnologia



Elisa Mendes/Divulgação

A peça leva temas relevantes sobre alimentos ao público infantil

terra fértil para os alimentos, e como fertilizantes prejudicam o meio ambiente. Há também reflexão sobre o que "tempera" as pessoas — alegria, amor, paciência.

No elenco estão Carolina Pismel e Paulo Verlings, atores que trabalham juntos há anos na companhia e se aventuram pela primeira vez no universo infantil. O espetáculo recebeu seis indicações ao Prêmio de Teatro Infantil CBTIJ e venceu nas categorias melhor ator e melhor atriz.

SERVIÇO

PIQUENIQUE

Teatro Petrobras Futuros - Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo)
De 11 a 26/7, sábados e domingos (11h30)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

AFFONSO NUNES

Aos 76 anos, Guinga presenteia o público com “Catonho”, um EP que reafirma sua condição de um dos maiores compositores brasileiros contemporâneos. Lançado em 10 de junho — data de seu aniversário —, o trabalho dialoga com aclamado álbum “Zaboi”, de 2021. Agora, o violonista carioca sobe ao palco do Teatro Ipanema Rubens Corrêa para a estreia do show nesta terça-feira (7) e no dia 21, dentro do projeto Terças no Ipanema. Nas duas apresentações, o músico será acompanhado por convidados especiais.

O EP reúne duas canções inéditas que mostram uma das facetas mais notadas na obra de Guinga: seu lado cronista do subúrbio e, por extensão, da alma brasileira. “Catonho”, a faixa-título, é um autorretrato épico e geográfico que percorre as ruas do Rio — da Ladeira Grapiúna à Praça Seca, de Bangu ao Catonho — transformando bairros e memórias em poesia em seu estado mais puro.

Paulo Rapaport/Divulgação

Intérprete recorrente do cancionista de Guinga, Anna Paes é uma das participações especiais no show de lançamento do EP ‘Catonho’ nesta terça (7)



O compositor que só sabe **evoluir**

Para o compositor, a música nasce diretamente de sua trajetória pessoal. “É uma descrição de lugares por onde andei na minha vida e ando até hoje. É sobre existência. Catonho sou eu”. A segunda faixa, “Rua do Pecado”, dedicada à mãe do artista, Dona Inalda, é uma elegia de profunda delicadeza que narra o desembarque simbólico da matriarca no “céu de Imbassaí”.

A excelência técnica e criativa marcam toda a obra deste cantor e compositor singular. Produzido por Alexandre Kassin, o trabalho evidencia o violão como instrumento central. As introduções são obras-primas criadas com a precisão de quem domina cada nuance do instrumento. A harmonia e a melodia abrem caminhos para as letras que se adaptam com perfeição, carregando palavras inesperadas e instigantes. Em “Catonho”, versos como “eu sou um velho capenga / Que realenga no Catonho / Cafundá brejo medonho / Cara a cara com o demônio” revelam a desafetação com que Guinga escolhe suas palavras, criando uma comunhão entre versos, harmonias, melodias e ritmos.

Em resenha publicada aqui no Correio em 23 de junho, nosso crítico Aquiles Rique Reis já destacava que “a criatividade composicional do cara aumentou” e que Guinga “está muito perto de ser visto como um dos maiores compositores deste país... se bem que, a essa altu-

Guinga mostra a excelência das novas criações e suas canções mais célebres em duas apresentações pelo projeto Terças no Ipanema

ra, ele já seja o maior”. Aquiles observa ainda que o violão de Guinga opera “qual um Paganini endiabrado”, um “tesouro fantástico”. A análise ressalta ainda que nada passa despercebido ao compositor: “tudo aflora em comunhão, versos, harmonias, melodias, ritmos — profundo alcance criativo”.

“Rua do Pecado” reafirma a excelência musical de Guinga como criador revolucionário. A canção carrega um movimento íntimo de reconciliação afetiva — um acerto de contas com a mãe que “enfrentou mil e uma noites de agonia”, deixando um rastro de luz na história do filho artista. Segundo Guinga, a composição é “um tributo à minha mãe, eu que a via sempre triste e chorando. Essa canção é um acerto de contas com a minha mãe”. Ao cantar com uma voz diferente de qualquer outra, Guinga associa seu amor próprio à sua própria música, tornando tudo profundamente pessoal.

Neste show de estreia do novo trabalho, Guinga relembra ainda parcerias memoráveis com compositores como Aldir Blanc e Paulo César Pinheiro — “Bolerero de Satã”, “Catavento e Girasol”, “Baião de Lacan” e “Senhorinha” — além de composições solo como “Igreja da Penha” e “Paulistana Sabiá”, dedicada à cantora Mônica Salmaso.

Nesta terça, os convidados são a violonista, cantora e com-

“Guinga está muito perto de ser visto como um dos maiores compositores deste país... se bem que, a essa altura, ele já seja o maior”

AQUILES RIQUE REIS

positora Anna Paes e o cantor, músico e compositor Thiago Amud. No dia 21, a cantora Paula Santoro e a musicista estadunidense Natalie Cressman dividem a noite com o anfitrião.

Anna Paes é uma presença constante na trajetória artística de Guinga desde 2013, quando começou a participar como intér-

prete em seus shows em cidades do Brasil, Espanha, França e Estados Unidos. A parceria se aprofundou a partir de 2018, quando ambos iniciaram uma colaboração como compositores, gerando canções como “Mello Baloeiro”, “Nobreza da Maré” e “A Quatro Mãos”. Em 2022, Anna Paes lançou o álbum “Você Você – Anna Paes Canta Guinga”, resultado de quase dez anos de convivência musical.

A criatividade composicional de Guinga não apenas aumentou com o tempo — ela se aprofundou. Cada faixa do EP demonstra um compositor que não se contenta em criar belas frases musicais, mas em fazê-las soar como nunca se ouviu igual. “Catonho” confirma o estado de evolução permanente de um dos compositores mais instigantes de nossa canção popular.

SERVIÇO

GUINGA — CATONHO

Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824) 7 e 21/7, às 20h
Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

CRÍTICA DISCO | SEMBAL

POR AQUILES RIQUE REIS*

Luan Cardoso/Divulgação

Barreto eu conheço há décadas, desde antes de eu vir morar em São Paulo, em 1994, onde o baiano de Serrinha já se estabelecera algum tempo antes. Ao reencontrá-lo no lançamento de um dos discos do saudoso Aldir Blanc (saudade!), ele me apresentou Celso Viáfóra, seu então parceiro de fé (um irmão que a vida me deu). Já Baleiro eu conheço há bem menos tempo, mas o suficiente para admirar seu trabalho, que sempre me encanta. Mesmo sem conhecê-lo pessoalmente, aprendi a admirá-lo. Resumindo: de Zeca Baleiro eu não espero nada menos do que genialidade explícita.

Após comporem juntos mais de trinta músicas, selecionaram doze para gravar. E dando atenção total à sonoridade do trabalho, recrutaram dois grandes músicos: o multi-instrumentista Rafa Barreto (filho de Vicente) e o mágico da bateria e das percussões Thiago “Big” Rabello. Somados a Vicente e Zeca, traçaram a linha que uniu as origens interioranas dos parceiros, preservando com sabedoria a urbanidade de cada um.

Em “Sembal”, Vicente e Zeca alternam solos e duos ao vocalizarem suas composições muito bem construídas sobre harmonias marcadas pela brasilidade do ritmo que têm no sangue. Assim, momentos de simplicidade instrumental, atizados por suas vozes marcantes, revezam-se



Vicente Barreto e Zeca Baleiro reúnem 12 parcerias em ‘Sembal’

A fortaleza da união

quando o arranjo eleva o vigor sonoro. Confesso: os caras levaram o ouvinte a mal conseguir segurar-se na cadeira, tal o balanço da pisada. Meu Deus!

Aqui as quatro músicas que mais me empolgaram, com suas respectivas fichas técnicas. Ouça o álbum (<https://acesse.one/walikh6m>) e veja se concorda comigo.

“Sembal”: Zeca Baleiro e Vi-

cente Barreto: vozes; Rafa Barreto: violão, guitarra barítono, programação de cordas, piano e baixo; Thiago “Big” Rabello: bateria e percussões.

“Mascate”: Zeca Baleiro: voz e vocais; Vicente Barreto: voz; Rafa Barreto: violão, guitarra barítono, seleta, synth e baixo; Thiago “Big” Rabello: bateria e percussões.

“Prece à Chuva”: Zeca Baleiro: voz; Vicente Barreto: violão; Pablo Moura: sanfona.

“Vento Bom”: Zeca Baleiro e Vicente Barreto: vozes e vocais; Rafa Barreto: violões, guitarra barítono, banjo, synth, minimoog, piano e baixo; Thiago “Big” Rabello: bateria e percussões.

Enfim, um CD admirável!

Ficha técnica

Rafa Barreto (produção musical); Thiago “Big” Rabello (engenharia de áudio e mixagem); Maurício Gargel (masterização); Victor Nery (assistente de gravação); capa (Andréa Pedro). Lançamento Saravá Discos / Distribuição ONErpm.

*Vocalista do MPB4 e escritor

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Aporé de Paula



Memória afetiva forte

Marcos Sabino lança versão de “Impossível Acreditar Que Perdi Você”, clássico de Márcio Greyck de 1972. A gravação voz-violão, publicada na série “Cristal Do Tempo” em seu canal no YouTube, ultrapassou 500 mil visualizações em dois dias. “As canções do Márcio Greyck são como uma referência para mim do que era a música popular naquela época. A música dele marcou a minha vida e me traz lembranças muito importantes: lembro da minha mãe, minha casa, meu quarto, de ouvir a música, tentando tirar no violão”, afirma o cantor.

Divulgação



Uma faixa solar

Kauan Calazans lança “De Cabeça No Planeta”, single em parceria com o projeto Docontra, do produtor Koe Willy, disponível nesta sexta-feira (10). A faixa marca um retorno às influências musicais do artista — punk rock, hardcore e ska — gêneros que moldaram sua formação. Com guitarras pulsantes e balanço contagiante, o ska solar retrata cenas cotidianas da Cidade Maravilhosa, misturando a intensidade criativa do Docontra com a experiência de um compositor que revisita suas raízes musicais.

Divulgação



Canção nascida bordão

A banda carioca Melton Sello lança “É Mole?”, novo single disponível em plataformas digitais. A faixa é a última antes de “OPA!”, primeiro álbum do quarteto de pop punk. Inspirada em um bordão frequente do garçom Teixeira, a música traz sonoridade de pop punk suave com beat marcado. “Ele sempre fala ‘Você é tão demais pra mim’, e a gente pegou essa frase como descrição de situações em que achamos que alguma coisa ou alguém é muita areia para o nosso caminhãozinho”, explica o vocalista Caio Paranaguá.

AFFONSO NUNES

Depois de anos de reforma, a Sala Bernardelli, um dos espaços mais tradicionais do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), recebe uma proposta que mistura arte, narrativa e acessibilidade. A exposição “Histórias que a Arte Conta” reabre o espaço com dez obras do acervo trabalhadas a partir de episódios do podcast homônimo do MNBA, lançado em janeiro deste ano.

A mostra, com curadoria de Simone Bibian, educadora do museu, transforma a Sala Bernardelli em um espaço de encontro e experimentação. Segundo a curadora, a ideia é ativar a potência narrativa das obras, criando conexões entre histórias que se entrelaçam. “As cores, as dimensões, as pinceladas, as formas e a materialidade ampliam a experiência sensível inaugurada pela escuta do podcast”, afirma.

O público encontrará telas de artistas como Firmino Monteiro, Pedro Américo, Chaves Pinheiro, Correia Lima, Raimundo Cella, José Maria de Medeiros e Rodolfo Amoedo, que trabalham em diferentes períodos — séculos 19 e 20. Integra ainda a mostra a peça arqueológica Antínoo, datada dos séculos II–III d.C., uma das mais antigas do acervo do MNBA. A obra retrata o jovem grego ligado ao imperador romano Adriano e serviu de inspiração para a logomarca do projeto.

O podcast “Histórias que a Arte Conta” está disponível no Spotify e YouTube, com recursos de acessibilidade como interpretação em Libras. A exposição reforça esse compromisso, oferecendo audiodescrição e uma vivência sensorial rica para pessoas com deficiência visual. Para a diretora do MNBA, museóloga Daniela Matera Lins, a mostra amplia o olhar do público sobre o acervo, despertando curiosidade sobre as obras, os artistas e a história da arte no Brasil.

SERVIÇO**HISTÓRIAS QUE A ARTE CONTA***

Museu Nacional de Belas Artes (Avenida Rio Branco, 199 - Centro)

Até 7/8, de segunda a sexta (13h às 17h)

Grátis

*Acessibilidade: audiodescrição e interpretação em Libras. O podcast “Histórias que a Arte Conta” está disponível no Spotify e YouTube.

Arte e história entrelaçadas

Exposição reúne dez obras do acervo do Museu Nacional de Belas Artes, inspiradas em podcast homônimo criado pela instituição



'Antínoo', a obra mais antigas do acervo do MNBA



'O voto de Heloisa' (1880), de Pedro Américo



'Joana d'Arc' (1883), de Pedro Américo

“As cores, as dimensões, as pinceladas, as formas e a materialidade ampliam a experiência sensível inaugurada pela escuta do podcast”

SIMONE BIBIAM



'Último Diálogo de Sócrates' (1917), de Raimundo Cella